

Arte e Cultura na República de Weimar¹

Dostoiowski Mariatt de Oliveira Champagnatte
Pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes
Universidade do Grande Rio
Lidiane Nunes de Castro
Mestre em Humanidades, Culturas e Artes
Universidade do Grande Rio

Resumo

Este trabalho analisa o período entre guerras na Alemanha, que ficou conhecido como República de Weimar. Foi um período de grandes crises econômicas, mas de enorme efervescência cultural. Tanto em termos da cultura de massa, como de uma arte engajada e que abordou temas considerados tabus à época, como a homossexualidade. Prioriza-se, neste trabalho, uma análise do cinema produzido nessa época que pode ser dividido em três fases: o cinema expressionista, a Nova Objetividade e o período de censura/propaganda política.

Palavras-chave

República de Weimar; Cinema; Arte.

Introdução

O período entre as duas primeiras guerras mundiais, na Alemanha, ficou marcado pela República de Weimar, que teve seu início em 1919 e terminou com a ascensão do nazismo em 1933. Durante o período, a inflação foi um dos maiores problemas e a alternância entre momentos de crise econômica e prosperidade também foi uma característica marcante.

Apesar de toda a atmosfera negativa, após a derrota na primeira guerra mundial e de suas consequências, o período da República de Weimar é considerado uma era áurea alemã. Por conta do renascimento cultural, que ocorreu a partir de diversas artes, e do combate aberto à intolerância sexual, que deu a Berlim o *status* de Metrôpole Gay da Europa na época.

¹ Trabalho apresentado no DT 08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 22 a 24 de junho de 2017.

O Cinema, arte moderna por excelência, foi um campo muito fértil durante a República fornecendo desde obras mais populares voltadas ao puro entretenimento até obras de arte que são consideradas obras-primas do cinema mundial e que alçaram ao sucesso diretores como Fritz Lang. Mas, nem mesmo o cinema escapou de ser usado com fins propagandísticos e como ferramenta de controle ideológico, principalmente após o surgimento do cinema falado e a chegada cada vez mais próxima dos nazistas ao poder.

Dentro deste cenário tão caótico, fértil e contraditório surgiu a Escola de Frankfurt que contribuiu significativamente ao discutir a cultura, a cultura de massa, a transformação da arte em mercadoria e problematizar, posteriormente, a indústria cultural.

A República de Weimar e o Panorama Artístico e Cultural

Ângela Mendes de Almeida relata em *A República de Weimar e a ascensão do nazismo* (1982) que, ao final do século XIX, a industrialização alemã havia ultrapassado a britânica e a francesa, ficando atrás apenas dos norte-americanos. E, com isso, houve um crescimento rápido da população e do número de habitantes de cidades como Berlim, que passou de 700 mil habitantes, em 1867, para cerca de 4 milhões em quarenta e seis anos. Tal expansão industrial acabou por incomodar a França e a Inglaterra e contribuiu para o desenrolar da Primeira Guerra Mundial.

Lionel Richard descreve o ano de 1914 em seu livro *A República de Weimar* (1988) como de patriotismo presente por todos os lados, através dos jornais e obras de arte e em poemas chauvinistas de incitação ao ódio, tendo inclusive muitos artistas como voluntários nas frentes de combate no começo do conflito. Mas, com o passar dos anos, o racionamento rigoroso de alimentos, pessoas morrendo de fome e os resultados negativos no combate, fez todo o fervor patriótico diminuir até que a Alemanha, enfim, se rendeu aos inimigos.

Com a derrota no conflito, a Alemanha recebeu imposições severas através do Tratado de Versalhes, perdendo parte do seu território e população; e sendo obrigada a desmilitarizar territórios, reduzir o armamento, diminuir o número de oficiais do exército, sendo proibida a unificação de modo voluntário com a Áustria e tendo que

pagar reparações em dinheiro e matérias-primas. Foi dentro desse cenário que a constituição da República de Weimar foi promulgada em agosto de 1919.

Um dos maiores problemas do período entre guerras foi a inflação. Segundo Almeida (1982) o marco em papel-moeda passou de 1/4 do marco-ouro no primeiro ano da República até 1/40.000, no ano de 1923, enquanto um dólar chegou a valer 350 milhões de marcos. A inflação levou à miséria, que levou ao clima explosivo, que ocasionou levantes com o intuito de derrubar o governo, esse se demitindo e deixando o poder vazio para ser ocupado por uma coalizão nacional.

Richard (1988) relata que o período foi de paisagem contraditória na qual não ocorreu um progresso contínuo, mas uma alternância entre extremos. Do começo da República até o início de 1924, a inflação atingiu níveis elevados e o desemprego era a realidade de um quarto da população ativa do país. Foi quando houve a implementação do *plano Dawes*, com a disponibilização de empréstimos por parte dos norte-americanos, que possibilitou um aumento da produção e consequente redução do desemprego. Até à queda da bolsa de Nova York, em 1929, que resultou numa crise econômica e fez com que a economia regredisse e as taxas de desemprego ultrapassassem os elevados índices do começo do período.

Almeida (1982) relata que as imposições do Tratado de Versalhes, depois da Primeira Guerra Mundial, fizeram com que a Alemanha precisasse de empréstimos altíssimos dos Estados Unidos para conseguir reativar a economia e quitar as reparações da guerra. Com os investimentos americanos na economia alemã, houve uma americanização do lazer no país e o deslumbramento com o *american way of life*².

O período entre guerras foi marcado por uma grande crise, mas, que, paradoxalmente, ficou conhecido como os anos dourados por conta da atmosfera cosmopolita, liberal e urbana, assim como pela liberalidade sexual que veio a tornar-se um mito retratado nos romances *Berlin Stories*, de Christopher Isherwood. Outro aspecto de destaque foram as vanguardas artísticas e literárias que, durante a República de Weimar, puderam realizar experimentos estéticos.

Segundo Peter Gay, em “A Cultura de Weimar”, ao analisarmos a República logo pensamos em "modernismo na arte, literatura e pensamento; pensamos em rebelião, dos filhos contra os pais, dos dadaístas contra a arte, berlinenses contras os musculosos filisteus, libertinos contra moralistas retrógrados" (GAY, 1978, p.11).

² O modo de vida norte-americano que foi propagado pelos EUA valorizando o capitalismo e o consumo como modo de elevação da qualidade de vida.

Segundo o autor, foi um momento importante e abrangente de renascimento cultural no qual ocorreu o florescimento do teatro, música, arte e arquitetura.

Outro destaque da época é o seu posicionamento como Metrópole Gay da Europa, havendo inclusive guias detalhando a vida noturna gay e lésbica, até a ascensão do nazismo. Adriana Kurtz em “Notas para uma história do cinema homossexual na era dos regimes totalitários” (2001) relata que foi nesse período em que surgiu a sede da primeira organização cujo objetivo era combater a intolerância sexual - o Comitê Científico Humanitário - através de Magnus Hirschfeld, que era gay, judeu e alemão, juntamente com três amigos.

Arte, Cultura e Lazer

Richard (1988) relata que a Alemanha recebeu muitas influências dos Estados Unidos na época. Era comum que as massas acompanhassem competições de maratonas de dança, organizadas por companhias americanas, e assistissem óperas repletas de imagens norte-americanas e seu estilo de vida. Assim como o jazz também se tornou cada vez mais atrativo e presente nas diversões do povo alemão.

O lazer produzido para a camada de trabalhadores que desempenhavam tarefas mecânicas era o que não exigisse esforço intelectual, não os levando a pensar/refletir, mas apenas a se encantarem

Depois das atividades realizadas mecanicamente nos escritórios e nas fábricas, em virtude das tentativas de racionalização da economia, eles estavam pouco disponíveis, à noite ou no fim da semana, para ocupações que exigissem concentração intelectual. Era preciso oferecer-lhes uma evasão eficaz, que lhes permitisse esquecer, física e moralmente, suas preocupações cotidianas (RICHARD, 1988, p.214).

Richard (1988) relata que, nos cabarés, não ocorriam apenas os elaborados programas de revistas e comédias musicais, mas eram apresentadas canções satíricas, números com palhaços e recitações de poemas. Alguns poetas, inclusive, dedicaram-se quase que exclusivamente aos cabarés, como Walther Mehring, que era chamado de "escárnio cáustico e purificador do Dadaísmo" (RICHARD, 1988, p.222).

A diversão da elite alemã era os concertos e óperas, a tradição da música clássica e romântica, em contraposição ao espírito modernista favorecido pelo rádio. No teatro predominavam as peças clássicas e as contemporâneas eram incentivadas quando serviam aos interesses políticos. Richard (1988) aponta a importância do rádio, que

reproduzia concertos, conferências, cursos e debates. Havia cerca de 28 emissoras na Alemanha, no ano de 1931 e os ouvintes populares eram muito assíduos.

Na pintura houve o destaque de Paul Klee, com sua inventividade e estilo individual e trabalho com influências do cubismo, expressionismo e realismo; e Kandinsky, renomado artista de origem russa e nacionalizado alemão que lecionou na Bauhaus, que foi uma escola vanguardista de artes plásticas, design e arquitetura.

O Cinema

Laurence Kardish em “Weimar Cinema, 1919-1933: Daydreams and Nightmares” descreveu o período como "extremamente fértil e influente no desenvolvimento das imagens em movimento" (2010, tradução nossa). O Cinema produzido na época foi um cinema único, com suas especificidades e características típicas da sociedade alemã. Houve uma representação constante da vida noturna decadente, característica marcante da multicultural cidade de Berlim, assim como da sexualidade irrestrita e o erotismo inédito.

Kurtz (2001) destaca os filmes de esclarecimento (Aufklärungsfilm) que abordavam questões problemáticas ou tabus que iam desde o pacifismo até questões como o alcoolismo e discussões sobre sexo: como as doenças sexualmente transmissíveis, a prostituição e o aborto, sempre contendo aconselhamento médico dentro da história. A produção de filmes que abordava questões sexuais foi tão grande que, no começo da República, chegava-se a produzir por volta de 150 filmes sobre a temática dentro do período de apenas um ano.

Outros tipos de filmes que foram destaque no período foram os de puro entretenimento e evasão, que atraíam a maior parte dos espectadores. Dentre eles estavam comédias, musicais, operetas e melodramas, assim como os filmes históricos ou de costumes, os Kammerspielfilms³. Além dos filmes com abordagens gays e lésbicas, tanto de modo secundário, como os primeiros filmes centrados numa temática homossexual, tanto masculina quanto feminina, através, respectivamente, de *Diferente dos Outros* (1919) e *Senhoritas em Uniforme* (1931).

Richard Dyer em “Now You See It. Studies on Lesbian and Gay Film” (1990) apresenta uma extensa lista de filmes realizados na República de Weimar que se

³ Como uma espécie de teatro mais íntimo que utilizava luzes filtradas e forros com tons quentes.

enquadram na temática homossexual, ainda que alguns possuam essas referências de modo mais ambíguo: *Michael* (1924); *Der Fall des Generalstabd-Oberst Redl* (1931); *Fridericus-Rex-Zyklus* (1922); *Geschlecht in Fesseln* (1928); *Dr Mabuse der Spieler* (1921/2); *Das Testament des Dr Mabuse* (1933); *A Caixa de Pandora* (1928); *Aus eines Mannes Mädchenjahren* (1919); *La Garçonne* (1925); *Exzellenz Unterrock* (1920); *Dona Juana* (1927); *Der Geiger Von Florenz* (1927); *Viktor und Viktoria* (1933).

Segundo o artigo publicado, em 2004, de Wagner Pinheiro Pereira, “Cinema e Propaganda Política no Totalitarismo e na Democracia: Tempos de Hitler e Roosevelt (1933-1945)”, a consolidação da infraestrutura para a produção cinematográfica alemã ocorreu no período da Primeira Guerra e tinha, como um de seus objetivos, agir como indústria de propaganda política do governo, tendo como alicerces o tripé dos grandes estúdios, *star system*⁴ e a censura através dos *bons valores*.

De acordo com Lotte H. Eisner, em “A Tela Demoníaca” (1985), no cinema eram refletidas as preocupações e incertezas que permeavam a sociedade na época e foi constituído por três fases no período da República de Weimar: na primeira, o destaque é o expressionismo (1919 até 1924); a segunda compreende a Nova Objetividade em um cinema de corte realista que se opunha ao expressionismo (1924 até 1929), e a terceira trata do cinema falado e do cinema propagandista que precedeu a ascensão do nazismo (entre 1929 e 1933).

Laura Loguercio Cánepa, em “Em torno das definições do expressionismo: o gênero fantástico em filmes da República de Weimar” (2010), destaca a Universum Film Aktiengesellschaft (UFA) como a maior realizadora de filmes do período, encarregando-se também da distribuição e exibição; tornando-se o maior truste cinematográfico do continente, competindo diretamente com o cinema hollywoodiano.

Cánepa (2010) aponta a realização do filme *Caligari* (1920) como o marco inicial da primeira fase - o cinema expressionista. Eisner (1985) defende que pode ser feita uma leitura dos cenários assustadores, presentes nos filmes da escola expressionista, como uma espécie de espelho do inconsciente coletivo alemão do período. Nesses filmes eram utilizados contrastes entre claro e escuro e estavam presentes personagens obscuros, em histórias bizarras, cujo desenrolar ocorria em ambientes sombrios, por muitas vezes claustrofóbicos e, frequentemente, sob perspectivas deformadas. A autora ainda defende que o expressionismo tematizou o

⁴ Promoção dos atores e atrizes à condição de astros, transformando os mesmos em figuras míticas.

medo ocasionado pela instabilidade política e econômica, e apresentou a aversão por alguns tipos de personagens, na maioria judeus, apresentados como espécies de monstros.

A segunda fase compreende uma época mais estável da economia alemã, por conta do plano Dawes, e houve uma maior produção cinematográfica em que se destacaram diretores como F. W. Murnau, Fritz Lang e G. W. Pabst. Sigfried Kracauer em “From Caligari to Hitler - A Psychological History of the German Film” (1974) relata que a Nova Objetividade estava atrelada tanto a um entusiasmo pela realidade imediata, quanto ao cinismo e resignação que já fazia parte do cotidiano alemão. Um dos filmes mais conhecidos do período é *Metrópolis* (1927), de Fritz Lang, este reflete sobre o papel dos meios de comunicação de massa e o espaço urbano numa alegoria da sociedade da República.

O terceiro período começa em 1929, com a estreia do primeiro filme sonoro alemão e foi o período em que foi exercido um maior controle e censura sobre o cinema. Com a ascensão do nazismo cada vez mais próxima, assim como a utilização do cinema como propaganda para difundir ideais e conseguir o apoio das massas, e sendo posteriormente, no governo nazista, tido como “baluarte dos princípios políticos, sociais, econômicos e culturais básicos do nazismo” (PEREIRA, 2010, p.4).

A Escola de Frankfurt

Segundo Carlos Alberto Rabaça e Gustavo Barbosa no “Dicionário de Comunicação” (1986), a escola de Frankfurt foi "um grupo de intelectuais reunidos em torno do Instituto de Pesquisa Social, fundado na década de 20 em Frankfurt" (p.610). A escola é marcada por uma visão pessimista e desencantada que estava em consonância com o momento no qual se encontrava o povo alemão e, segundo Renato Ortiz no texto “A Escola de Frankfurt e a Questão da Cultura” (1986), o seu ponto de partida é a "hipótese que a consciência não é mais livre na sociedade industrial uma vez que a realidade tecnológica envolveu a todos" (p.5).

O discurso da Escola de Frankfurt é baseado na arte, em oposição à cultura de massa; cultura em oposição à civilização; teoria crítica em oposição ao positivismo. Ortiz (1986) aponta a diferenciação feita pelos membros da escola sobre o conceito de

cultura⁵ que, para eles, estava identificada com a arte, a filosofia, a literatura e a música e era remetida à dimensão espiritual. "As artes expressariam valores que constituem o pano de fundo de uma sociedade" (p.6). Adorno & Horkheimer, no texto "A Indústria Cultural: O Esclarecimento Como Mistificação das Massas" (1947), afirmam que "a cultura contemporânea confere a tudo um ar de semelhança. O cinema, o rádio e as revistas constituem um sistema. Cada setor é coerente em si mesmo e todos o são em conjunto" (p.2).

Ana Carolina Escosteguy (2000) aponta no texto "Os Estudos Culturais – uma introdução" que a cultura deve ser compreendida dentro da sua "autonomia relativa", já que apesar de não ser dependente das relações econômicas, ela influencia e é influenciada pelas relações político-econômicas. E finaliza dizendo que existem "várias forças determinantes - econômica, política e cultural - competindo e em conflito entre si, compondo aquela complexa unidade que é a sociedade" (ESCOSTEGUY, p.4).

Douglas Kellner em "A Cultura da Mídia" (2001), explica que foi na Escola de Frankfurt que a expressão *indústria cultural* foi cunhada, fazendo referência ao processo de industrialização pelo qual passava a cultura em sua produção para a massa. A comparação feita pelos teóricos era com relação aos outros produtos fabricados em massa que eram mercantilizados, padronizados e massificados. Sobre a cultura de massa, Adorno & Horkheimer (1947) afirmaram que todas são iguais e que o cinema e o rádio já não eram arte e, sim, um negócio cuja ideologia era a de legitimar o *lixo* produzido por eles propositalmente.

Kellner (2001) critica a dicotomia existente entre cultura superior e inferior proposta pela Escola de Frankfurt e sugere que ela seja substituída por outro modelo que leve em conta a diversidade cultural na aplicação dos métodos críticos contrapondo-se ao *binário frankfurtiano*. O autor sugere que os momentos críticos e ideológicos não estejam limitados à chamada cultura superior e que nelas também sejam reconhecidos os momentos subversivos.

Conclusão

A República de Weimar foi um período de instabilidade política e econômica que influenciou no tom pessimista da Escola de Frankfurt e na ampla oferta de lazer, no lugar de arte, através de atividades que não levassem o público a pensar e, sim, esvaziar

⁵ Em sua conceituação mais ampla, *cultura* remete à idéia (*sic*) de uma forma que caracteriza o modo de vida de uma comunidade em seu aspecto global, totalizante. (COELHO, 2004, p.103)

completamente a mente da rotina de trabalho diário e todos os problemas correntes, através do cinema, rádio, operetas, espetáculos e tudo mais que servisse para esquecer um pouco a realidade e a falta de perspectiva que imperava.

Mas houve inovação e criação em meio ao caos. Àqueles com menos a perder são os mais predispostos a arriscar e, assim, a era dourada alemã foi também repleta de contribuições artísticas e culturais significativas. Os meios de comunicação de massa serviam como trampolim político e instrumentos de dominação, mas também eram utilizados como ferramentas artísticas e culturais de significativa contribuição. Ainda que muito fosse sombra e pouco fosse luz, os alemães encontraram soluções para transformar o sofrimento em arte e deixar a marca da República de Weimar na história.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, A. M. de. **A República de Weimar e a ascensão do nazismo**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

CÁNEPA, L. L. **Em torno das definições do expressionismo: o gênero fantástico em filmes da República de Weimar**. In: Revista Galáxia, São Paulo, n. 19, p. 78-89, jul. 2010. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/2608>.

COELHO, T. **Dicionário Crítico de Política Cultural**. São Paulo: Iluminuras, 2004.

DYER, R. **Now You See It. Studies on Lesbian and Gay Film**. London: Routledge, 1990.

ESCOSTEGUY, A. C. **Estudos culturais: uma introdução**. In: SILVA, T. T. (Org.). *O que é, afinal, estudos culturais?* 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 135-166.

EISNER, L. H. **A Tela Demoníaca, as influências de Max Reinhardt e do expressionismo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra Instituto Goethe, 1985.

GAY, P.. **A Cultura de Weimar**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

KARDISH, L. **Weimar Cinema, 1919-1933: Daydreams and Nightmares**. Nova York: Museu de Arte Moderna, 2010.

KELLNER, D. **A Cultura da Mídia**. São Paulo: EDUSC, 2001.

KRACAUER, S. **From Caligari to Hitler. A Psychological History of the German Film**. New Jersey: Princeton University Press, 1974.

KURTZ, A. **Notas para uma história do cinema homossexual na era dos regimes totalitários.** *Menemocine*, 2001. Disponível em:

<http://www.mnemocine.com.br/cinema/historiatextos/adrianacinehomo.htm>.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos Meios às Mediações: Comunicação, Cultura e Hegemonia.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

ORTIZ, R. **A Escola de Frankfurt e a questão da cultura.** In: Revista brasileira de ciências sociais 1 (43-65), 1986.

PEREIRA, W. P. **Cinema e Propaganda Política no Totalitarismo e na Democracia: Tempos de Hitler e Roosevelt (1933 - 1945).** Texto integrante dos *Anais do XVII Encontro Regional de História – O lugar da História*. ANPUH/SP-UNICAMP. Campinas, 6 a 10 de setembro de 2004. Cd-rom. Disponível em: <http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XVII/ST%20XXX/Wagner%20Pinheiro%20Pereira.pdf>.

RABAÇA, C. A.; BARBOSA, G. **Dicionário de Comunicação.** São Paulo: Ática, 1986.

RICHARD, L. **A República de Weimar.** São Paulo: Companhia das Letras, 1988.